

AVENTURA MARAVILHOSA • por Jaime Sautchuk

Jornalista

A história do Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA), da cidade de Goiás, daria um filme de aventura, cheio de alegrias e fortes emoções. Um sucesso de bilheteria, sem final previsto. Uma aventura maravilhosa, desde o comecinho, em 1998, quando tudo parecia um sonho, até os dias atuais e, espero, por muitos e muitos anos e décadas adiante.

A sinopse dessa história é a junção de uma boa idéia com pessoas bem-articuladas para viabilizá-la e governantes sensíveis para encampá-la. Ou seja, um ambiente propício para que as coisas fluíssem de acordo com um roteiro surgido do nada e seguissem a trama, anos a fio.

Aqui, porém, vamos nos ater ao nascedouro deste enredo, o surgimento da idéia, com o projeto original, até o II festival, que consolidou o evento. Tudo começou em novembro de 98, com um telefonema do publicitário Luiz Gonzaga Soares, o Gonza, dizendo que precisava conversar comigo.

Não era novidade, pois em mais de vinte anos de amizade, onde quer que estivéssemos, de vez em quando um procurava o outro com algo para falar, pensar ou fazer. Desta feita, ele dizia que o governador eleito do Estado, que iria tomar posse em janeiro do ano seguinte, queria algo que projetasse Goiás nacionalmente, em termos culturais.

A encomenda vinha de Luiz Felipe Gabriel, um dos coordenadores da campanha e, depois, secretário de Comunicação de Marconi. O mote era deste jeito mesmo, bem simples e direto: “algo que projete Goiás nacionalmente”.

Depois de passar muitos anos em São Paulo, em grandes agências de publicidade, Gonza havia voltado para Goiânia e se associado a Renato

Cunha, na Novagência, empresa que criaram para trabalhar na campanha vitoriosa de Marconi Perillo para governador. Ele próprio queria “acordar Goiás”, como costumava dizer, e aquela era uma boa hora.

Com a encomenda debaixo do braço, Gonza veio a Brasília e fomos ao restaurante Feitiço Mineiro, onde se realizava o jantar de encerramento do VídeoTerra, um festival de vídeo e cinema sobre a questão agrária, que era coordenado pela minha mulher, a socióloga Adinair França dos Santos, a Dina. Foi ela quem, no meio da conversa, sugeriu que a gente inventasse um festival de cinema.

A idéia pareceu boa e o assunto rolou madrugada adentro. Dentre os membros do júri, estava a atriz Lucélia Santos, que virou madrinha do festival. No jantar, estava também Guido Araújo, coordenador da histórica Jornada de Cinema da Bahia, pessoa respeitada nos meios cinéfilos do Brasil inteiro e membro do júri do VídeoTerra. Perguntamos o que ele achava da idéia. Ele disse que era coisa boa, mas desde que não concorresse com tantos outros festivais de cinema já existentes. Os de Brasília e Gramado, por exemplo. O evento deveria ter um diferencial, um corte temático, talvez. De pronto, pela minha familiaridade com o tema, sugeri que o festival tratasse da questão ambiental.

Dias depois, Gonza foi conosco a Cristalina, GO, onde Dina e eu mantemos a Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Linda Serra dos Topázios. Lá, a conversa evoluiu, e ganhou força a idéia de que fosse um evento internacional. Mas onde? Goiânia? Pirenópolis? Caldas? Acabamos optando pela cidade de Goiás.

Gonza levou a idéia a Luiz Felipe, que, por sua vez, a levou ao futuro governador. Marconi ficou sensibilizado e pediu uma proposta definitiva. No

final de dezembro, Dina e eu fomos a Goiás, para nos certificarmos das condições da cidade, que já nos era familiar.

Dia 29, fomos à festa de aniversário do bispo D. Tomás Balduino. Ali, aproveitamos para conversar com ele próprio e com Frei Marcelo Barros, nosso amigo, sobre a idéia do festival. E percorremos hotéis e pousadas para inventariar a capacidade de hospedagem: eram 221 leitos, contando com os 90 do tradicional Hotel Vila Boa.

Guido Araújo já havia concordado em ser nosso consultor para a parte de organização do festival. Faltavam nomes para as áreas ambiental e de articulação internacional. Logo, nos veio a hipótese de dois outros amigos: o jornalista Washington Novaes e Tânia Montoro, professora da Universidade de Brasília (UnB), que fazia doutorado em Cinema, em Barcelona, na Espanha.

Com Washington, o caso virou folclórico. Mande um fax a ele explicando a idéia e perguntando se ele toparia fazer parte do grupo. Ele respondeu que andava muito ocupado e que não queria assumir mais compromissos. Em novo fax, eu disse a ele que não ofereceria mesmo uma tarefa dessas a algum desocupado. Na hora, ele me telefonou, rindo, e aceitou.

Tânia também concordou e, de imediato, saiu em busca de produções que se encaixassem no perfil do festival. Percorreu vários países da Europa, e ainda em dezembro tinha um rol de realizadores dispostos a participar do evento. Entre eles, estava Lauro Antônio, crítico de cinema português, que já então organizava o Festival de Cinema Ambiental de Serra da Estrela, em Portugal. Ali nasceu uma parceria com o FICA que perdura até hoje, um divulgando o outro.

No dia 14 de janeiro de 1999, já com o novo governo empossado, foi encaminhado ao governador

um anteprojeto do festival, através de Luiz Felipe. Este documento foi debatido e aprovado duas semanas depois. Eu fazia minirrelatórios, na forma de ajuda-memória, que mantenho arquivados. O da data em que se oficializou o anteprojeto é este:

1º FICA

Ajuda à memória I – 28 jan

Evento: Jantar de Trabalho

Local: Rest. Tanpai

Cidade: Goiânia (GO)

Participantes: Felipe, Gonza, Jaime, Marcelo Safadi e Dina.

Decisões:

O secretário Felipe aprovou a proposta de anteprojeto do FICA, analisada à tarde em reunião na sede da Novagência;

O Superintendente da Semarh, Marcelo Safadi, ofereceu parceria, inclusive com cota de patrocínio;

Discutiu-se a premência de tempo, com o indicativo de que, caso a Coordenação do evento identificasse razões, o festival poderia ocorrer em agosto, mas que seria melhor na Semana do Meio Ambiente, em junho, ainda que reduzindo o tamanho do evento;

O local será mesmo Goiás Velho;

Serão buscados outros parceiros, no próprio governo estadual (Beg, Secr. de Turismo, de Cultura, Femago etc.), no meio empresarial (inclusive os donos do Hotel Vila Boa) e a Prefeitura Municipal de Goiás.

Em seguida, o governador envolveu duas outras áreas como realizadoras do projeto. Eram a Agência Goiana de Cultura (Agepel), com seu titular, Nasr Chaul; e a Fundação Estadual do Meio Ambiente (Femago), com Paulo Souza Neto. Outros órgãos entrariam como apoiadores.

Simultaneamente, trabalhávamos na mobilização da comunidade da cidade de Goiás e em contatos com a

prefeitura de lá. Dentre tantas lideranças, desde logo se destacou Rodrigo Santana, um jovem dinâmico, conhecedor da gente da terra, que trabalhava para a Femago. A idéia era convencer a comunidade de que estava surgindo algo novo. Algo que só iria para frente se as pessoas abraçassem a empreitada. E foi o que ocorreu. Já no primeiro ano, a comunidade assumiu o evento como dela.

A idéia era envolvê-la ao máximo. Donos de pousadas, de bares e restaurantes, de veículos de transporte, eletricitistas, tradutores, recepcionistas, guias de turismo, o quanto mais gente da cidade fosse possível aproveitar, melhor. Ao longo dos anos, é fácil perceber a brutal mudança que esta prática proporcionou.

Enquanto essas articulações ocorriam, Gonza adiantava a parte de conceituação do festival em termos visuais e de apresentação, com a equipe da Novagência. Dina e eu nos encarregávamos também do regulamento e do orçamento. O nome FICA já havia sido definido pelo grupo original, meses antes.

Em fins de fevereiro, a rigor, o festival já estava montado. Iniciou-se, então, um debate sobre o evento em si, que seria na semana do Dia do Meio Ambiente (5 de junho), na cidade de Goiás, como planejado. Gonza e eu tínhamos o compromisso de inventar o evento e de colocá-lo a ponto de acontecer. Não de realizá-lo.

Era uma encomenda do governo e, portanto, deveria ser um evento público, sem visar lucro. Por sugestão do governador, o cineasta João Batista de Andrade, que havia acabado de filmar o longa-metragem *O tronco*, do romance de Bernardo Élis, em Pirenópolis, foi indicado para coordenador do I FICA.

Por ironia do destino, Gonza veio a falecer pouco antes da realização do I FICA. O festival foi um sucesso, apesar de improvisações comuns às

coisas novas. No segundo ano, Paulo Souza Neto, da Femago, e Nasr Chaul, da Agepel, pediram que eu coordenasse o II FICA, e eu aceitei.

Aumentou a presença internacional e cresceu enormemente a participação da comunidade. O cinema nas ruas e na área rural. Instituímos a lavagem da Praça do Coreto, no estilo baiano de purificação de ambientes. Marcelo Safadi, com ajuda do Sebrae, propiciou a capacitação de donos de restaurantes e pousadas.

O artista plástico Siron Franco fez o cartaz e vestiu a camisa da festa. Washington, Guido e Tânia mantiveram o tripé. Palestras, aulas, oficinas, chamamento e apresentação de Gilberto Gil. Uma grande festa do cinema internacional. Um grande evento para a cidade de Goiás, para o Estado de Goiás, para o Brasil e para o mundo todo.

Foi uma das etapas mais bonitas da minha vida. Uma aventura maravilhosa. ✨